

REAÇÃO CONTRA A ALTA DE PREÇOS

A velha idéia do pacto social, que até hoje não se concretizou no Brasil, está de volta, com roupa nova: pacto pelo desenvolvimento. A partir desta semana o presidente Fernando Henrique Cardoso começa a convocar empresários, sindicatos e representantes da oposição para debater saídas que recolorem o país na trilha do crescimento econômico.

Ao apelar para o pacto, Fernando Henrique tenta acenar com esperança, com a continuidade do Plano Real e da estabilidade da moeda, deixando em segundo plano os boatos e especulações sobre a permanência do ministro Pedro Malan no governo e a política econômica.

Enquanto o presidente articula o pacto pelo desenvolvimento, seu ministro Celso Lafer, do Desenvolvimento, trata de conter o empresariado mais inquieto com as mudanças na política econômica. Lafer terá um encontro amanhã com os presidentes das 27 federações estaduais da indústria, em Brasília. O principal tema deveria ser a retomada do crescimento, mas a crise o fará insistir num assunto que parecia ter ficado no passado: a inflação. Lafer já esteve com os empresários paulistas na sexta-feira e pediu que aguardassem o mercado absorver a nova realidade cambial sem apelar à dolarização.

Segundo o ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, a ofensiva do governo rumo ao desenvolvimento incluirá decisões práticas como, por exemplo, onde aplicar os recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para incentivar a geração de empregos. O banco conta com R\$ 15 bilhões a R\$ 20 bilhões para investimentos este ano. Também estarão em estudo pequenas alterações tarifárias que permitam transferir recursos para projetos de desenvolvimento. Pimenta acredita que a retomada do crescimento é a única opção para o Brasil. "O país tinha vários tumores: a inflação, a indexação, a estatização, a máquina administrativa deficiente. O úl-

timo dos tumores era o câmbio e está resolvido".

A idéia é discutir a criação de empregos e a melhoria da renda, apesar da crise. "Nós vamos tratar do que é de interesse da sociedade", afirmou Pimenta. "A discussão vai dizer que tipo de desenvolvimento nós queremos para o Brasil e o que fazer com os recursos", explicou. O ministro assegurou que o governo não pretende promover o "desenvolvimento irresponsável ou ilusório".

Pimenta lembra que as reformas constitucionais estão sendo concluídas e que resta apenas a reforma tributária a ser feita. Para o ministro, no entanto, esta mudança será de pouca valia num país em recessão. "Podemos fazer a melhor reforma do mundo, mas sem atividade econômica, não haverá arrecadação", raciocina.

JUROS

A estratégia do presidente, segundo Pimenta, passa também pela redução das taxas de juros a médio e longo prazos. "O presidente fará todo o esforço para reduzir os juros e trazer o desenvolvimento. Com as atuais taxas de juros, não há desenvolvimento. Nós queremos o desenvolvimento e faremos tudo o que deverá ser feito", disse o ministro.

O discurso desenvolvimentista escolhido pelo presidente — que tem conversado constantemente com economistas dessa linha como André Lara Resende e Luiz Carlos Mendonça de Barros — terá que conviver com o ministro Pedro Malan. Segundo Pimenta, não há contradição. Ele afirmou que a política de estabilidade conduzida por Malan foi uma passagem para o desenvolvimento econômico e social e prefere nem falar na possibilidade de saída do ministro. "Malan está muito mais otimista e disposto do que se poderia imaginar", disse.

O ministro admite que poderá haver correções de rumo, mas descarta a idéia de um novo plano. "Mudanças do gênero 'estamos na esquerda, vamos para direita; estamos em cima, vamos para baixo' eu descarto.

André Corrêa 13.1.99



Lafer: reunião com 27 representantes da indústria em Brasília para convencer empresários a não remarcar preços

Agora, medidas de ajuste às mudanças já ocorridas deverão acontecer, sim. Não sei se amanhã ou na semana que vem..." afirmou o ministro. Fernando Henrique será o comandante do movimento, auxiliado por um conselho informal de ministros, com a participação de Pimenta, Celso Lafer e de Francisco Dornelles (Trabalho e Emprego), que também cuidará da elaboração do programa.

As discussões não têm data mar-

cada para terminar ou pauta pré-estabelecida. Mas o governo tem pressa em reverter o clima de instabilidade que afeta o País e mina a credibilidade brasileira no exterior.

A presença de Lafer na Confederação Nacional da Indústria (CNI) poderá ser um passo nessa nova estratégia. "É preciso acalmar o mercado e acho que isso que o ministro tentará fazer. Os empresários precisam é sentir pulso forte do governo", ava-

liou o presidente da Federação das Indústrias de Brasília, Lourival Dantas, um dos participantes do almoço.

O deputado federal eleito Emerson Kapaz (PSDB-SP), um representante do Pensamento Nacional das Bases Empresariais (PNBE), acredita que o pacto social é a única opção em momento de crise. "O pacto é a única saída para uma transição menos traumática à nova situação de câmbio livre", disse.